

ESTUDOS JUDAICOS LATINO-AMERICANOS E TEORIA SOCIAL CRÍTICA¹

Bernardo Sorj

RESUMO

O autor argumenta que o atual panorama dos estudos judaicos latino-americanos é marcado pela carência de uma visada crítica afinada com as questões teóricas centrais da ciência social contemporânea. Entre as condições que minam as suas potencialidades críticas e criativas sobressai a reprodução das categorias sociológicas de autocompreensão do judaísmo norte-americano, em meio à voga do "politicamente correto". Requer-se assim a superação da visão trans-histórica e essencialista do anti-semitismo, tal como estabelecida pelas instituições judaicas hegemônicas, e o reconhecimento das comunidades da diáspora em suas diversidades.

Palavras-chave: judaísmo; América Latina; anti-semitismo; diáspora.

SUMMARY

The author argues that current Latin-American Jewish studies lack a critical view attuned to the main theoretical issues of contemporary social science. One of the conditions that undermine its critical and creative potentialities is the reproduction of North-American Jewish self-understanding sociological categories, in the midst of the "politically correct" wave. Therefore it postulates the overcoming of trans-historical and essentialist view of anti-Semitism as established by hegemonic Jewish institutions, and the recognition of Diaspora communities with their very differences.

Keywords: Judaism; Latin-America; anti-Semitism; diaspora.

O judaísmo latino-americano foi condenado a uma dupla condição periférica: nos âmbitos do sistema capitalista e do judaísmo mundial. Tal condição pode conter algum valor positivo? Creio que sim, pois nos oferece, *potencialmente*, um ângulo especial para pensar o judaísmo, uma perspectiva crítica à qual nem o judaísmo israelense nem o norte-americano têm acesso. Entretanto, não importa qual definição de "teoria social crítica" utilizemos — seja no sentido de valores que orientem a análise social para a identificação do potencial de emancipação social, seja no de desentranhar as estruturas de dominação encobertas pelas práticas e discursos sociais —, os estudos judaicos latino-americanos se encontram, em boa medida, bastante distantes dessa perspectiva.

O caráter de celebração da vida comunitária, o esforço de preservação da memória — confundido às vezes com a reconstrução histórica — e o uso

(1) Originalmente, conferência inaugural do XI Congresso da Associação de Estudos Judaicos Latino-Americanos (Rio de Janeiro, junho de 2002). Várias das idéias aqui expostas foram desenvolvidas em Sorj, Bernardo e Bonder, Nilton. *Judaísmo para o século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

acrítico de conceitos como anti-semitismo, bem como do arsenal de noções do *senso comum* da autopercepção dominante nas instituições judaicas, definem uma agenda de investigação em que os problemas teóricos centrais da ciência social contemporânea em geral, e da América Latina em particular, são basicamente marginais. Por que essa fragilidade crítica dos estudos judaicos? Em parte, porque os sentimentos pós-Holocausto cristalizaram os laços de solidariedade e as posições defensivas da comunidade judia, e em parte porque os intelectuais judeus críticos tendem a alijar-se do judaísmo como tema de reflexão — trata-se de intelectuais seculares, distantes da vida institucional e, no melhor dos casos, identificados com um judaísmo "politicizado" em torno do conflito do Oriente Médio. Decerto, esse é um fenômeno complexo e de longa duração, pois a grande maioria dos mais importantes cientistas sociais judeus na diáspora, inclusive nos Estados Unidos, não fez do judaísmo um objeto privilegiado de investigação.

No caso específico dos estudos judaicos latino-americanos, as razões locais para esse estado de coisas não são difíceis de diagnosticar. Sem dúvida elas se relacionam à influência da academia norte-americana, na qual os estudos judaicos em boa medida se distanciaram das novas tendências críticas da teoria social para vocalizar as preocupações de seus patrocinadores comunitários², mas expressam sobretudo a realidade interna das comunidades judaicas da América Latina, em que a perda de densidade demográfica e uma homogeneização social e cultural lhe reduziram, nas últimas décadas, a diversidade ideológica e o espaço de criação.

Essa situação não é contudo necessariamente deplorável. Sólidos estudos foram e continuam sendo realizados mediante uma visão acrítica da sociedade. A busca de uma perspectiva crítica é portanto uma petição de princípio, mas pode-se argumentar em sua defesa, para além de afinidades pessoais, que se os estudos judaicos assumissem essa orientação não só se poriam num lugar privilegiado para participar dos debates contemporâneos das ciências sociais, como teriam uma contribuição específica e criativa dentro do próprio judaísmo.



A reconstrução crítica da dinâmica cultural e institucional das comunidades judias do Continente exige, num primeiro momento, identificar os principais desafios que os pesquisadores latino e norte-americanos deverão enfrentar para reorientar seus estudos sob essa perspectiva. Para os primeiros se apresentam dois grandes conjuntos de questões.

Trata-se, em primeiro lugar, de analisar as relações de dependência cultural em que se encontram as comunidades judaicas da América Latina com relação ao Estado de Israel e ao judaísmo norte-americano. A investigação da reprodução institucional do judaísmo latino-americano apresenta pelo menos três dimensões: a análise da diáspora judia como sistema

(2) "Ao considerar sua diáspora única e portanto incompatível, os judeus norte-americanos negligenciaram participar de diálogos transculturais, aos quais poderiam prestar valiosas contribuições. Eles realçaram sua reputação entre outros grupos diaspóricos como auto-referente e isolacionista. Alhearam-se da história judia assim como de fontes, informações e apoios potencialmente cruciais. E tolheram seus esforços em forjar um relacionamento construtivo com o Estado de Israel. Alienados de ambas as "pátrias", os judeus norte-americanos sentiram que não tinham escolha a não ser criar uma tal existência como seus ancestrais jamais conheceram. Com sua ideologia de excepcionalismo, eles não recorreram, na maior parte das vezes, a outras eras de estabilidade e promessa na história da diáspora judia para auxiliar a compreensão de sua situação. Em consequência, padecem de uma distância emocional e intelectual de Israel, do Velho Mundo e do resto da história judia" (Galshinsky, Michael. "Scattered seeds: a dialogue of diasporas". In: Biale, David, Galchinsky, Michael e Heschel, Susan (orgs.). *Insider/outsider — American Jews and multiculturalism*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 201).

internacional de poder e subordinação organizado em torno da capacidade de gerar discursos hegemônicos e controlar práticas institucionais; a compreensão das estruturas socioculturais e mecanismos internos de poder das comunidades judias que funcionam como filtros e ressignificam as tendências mencionadas no ponto anterior; e a análise crítica dos temas, conceitos e paradigmas dominantes nos centros hegemônicos, que terminam definindo, pelos caminhos os mais diversos, a agenda da pesquisa científica.

A esse primeiro conjunto de questões se superpõe e articula um segundo tipo de problemas, que emana da dimensão latino-americana desses estudos. Dito claramente, não podemos analisar a realidade social do judaísmo latino-americano importando acriticamente as categorias sociológicas provenientes dos Estados Unidos. As categorias de autocompreensão do judaísmo norte-americano — por exemplo, o conceito de *"ethnicity"* ou *"racism"* — têm um sentido específico no interior da sociedade daquele país. Entender o judaísmo latino-americano implica compreender a realidade das sociedades latino-americanas. A transferência de categorias sociológicas provenientes de outras sociedades é um problema central da teoria social latino-americana e que só agora começa a ser reconhecido pela comunidade científica internacional, colocando em questão a universalidade das categorias associadas ao estudo das sociedades modernas³.

Com relação aos estudos judaicos latino-americanos realizados nos Estados Unidos, não me sinto particularmente equipado para identificar os problemas específicos desse campo. De uma perspectiva latino-americana, porém, certas possibilidades me parecem óbvias: em vez de ser o "irmão mais novo" dentre os *"jewish area studies"*, os estudos judaicos latino-americanos podem ter um papel de vanguarda, rompendo com o paroquianismo intelectual da auto-representação do judaísmo norte-americano e introduzindo uma visão crítica que revele as estruturas de poder e subordinação que se estabelecem entre a comunidade judia dos Estados Unidos e as da América Latina, bem como os impactos das formas de atuação das organizações judaicas internacionais na reprodução de cada diáspora, em particular as periféricas.



Apresentarei de forma sumária dois exemplos do esforço crítico a que me referi. O primeiro diz respeito a um tema particularmente difícil mas incontornável: o anti-semitismo. O anti-semitismo se converteu de tal forma em um componente integral da auto-imagem constitutiva do judeu e do judaísmo modernos que, paradoxalmente, constitui parte de sua afirmação ontológica, de sua identidade e sentimento de estar no mundo. O "saber" que sempre houve e haverá anti-semitas implica conferir ao anti-semitismo uma permanência de conteúdo, uma essência trans-histórica que acompanha a imagem de continuidade do povo judeu. Evidentemente isso se choca com os fun-

(3) Essa questão é discutida em Sorj, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, Parte II.

damentos da sociologia, que nos mostra que, se os conceitos são construções sociais historicamente determinadas, seu conteúdo deve ser referido ao contexto no qual adquirem seu sentido específico.

Cremos que essa visão não só pode como deve ser criticada. Não se trata simplesmente de um exercício intelectual de questionamento dos mitos que toda identidade carrega. Menos ainda, obviamente, de negar mediante esse exercício a existência dos preconceitos antijudeus e da história dramática a eles associada. O que quero indicar é o papel negativo exercido pela suposição de que o anti-semitismo seja sempre o mesmo, independentemente da sociedade a que se refira, sobre a capacidade de compreensão da diversidade do judaísmo diaspórico. Essa suposição autoriza afinal que se façam análises do anti-semitismo sem levar em consideração a vivência judia em cada diáspora, já que o anti-semitismo seria um fenômeno trans-societário e, assim, permitiria ignorar a diversidade das experiências de integração cultural de cada comunidade judia e, por conseguinte, das formas específicas que assumem em cada sociedade e momento histórico os mecanismos de estigmatização e exclusão social dos judeus. O efeito disso é uma bibliografia de estudos judaicos latino-americanos abundante em obras que privilegiam líderes políticos ou períodos históricos em que o anti-semitismo foi real ou supostamente importante, ao passo que é ínfima a bibliografia sobre a diversidade cultural e social de cada diáspora latino-americana, as ricas formas de interação e integração com o meio local e as diversas formas de identidade judia que a América Latina contemporânea produziu.

O segundo exemplo — que exigiria argumentação mais extensa, pois envolve, paradoxalmente, um tema menos central nos estudos judaicos — se refere à diáspora. Esse conceito, injustamente relegado nas ciências sociais por um século, passou a ocupar na última década um lugar central nos departamentos de "*cultural studies*" do mundo anglo-saxão, sob uma perspectiva pós-moderna. Se por um lado tal debate se deu à margem dos centros de estudos judaicos, por outro o esforço teórico em geral buscou construir um conceito "descontaminado" da história judia.

O conceito de diáspora é geralmente acoplado ao de "identidades híbridas", e em ambos os casos se busca construir categorias "politicamente corretas", isto é, que não sejam emascaradas nem por valores universalistas nem por identidades estreitas que limitam a solidariedade a um grupo⁴. Curiosamente, o resultado dessa particular absorção anglo-saxã da filosofia francesa pós-moderna é a construção de um mundo de conceitos morais distanciados da história e das estruturas de dominação ou experiências de solidariedade às quais estão efetivamente associadas as identidades coletivas, entre elas a da diáspora. Sem dúvida as diásporas são formas de institucionalidade até certo ponto alternativas ao Estado nacional, mas nem por isso lhes faltam estruturas internas de poder e de eficácia repressiva. Da mesma forma, as identidades híbridas são fluidas e expressam "*roots and routes*" (raízes e rotas), mas nem por isso perdem — por que deveriam? — a característica de identidades, isto é, a capacidade, em cada circunstância, de mobilizar particularismos, medos e solidariedades associados a cada uma

(4) Stuart Hall propõe um conceito de diáspora que não nos remeta "àquelas tribos dispersas cuja identidade só pode ser assegurada em relação a alguma pátria sagrada à qual precisariam a todo custo retornar, mesmo que isso significasse empurrar um outro povo ao mar. Essa é a velha, imperializante e hegemonizante forma de 'etnicidade'. Temos visto o destino do povo da Palestina nas mãos dessa retrógrada concepção de diáspora (que conta com a cumplicidade do Ocidente). A experiência da diáspora tal como a concebo é definida não por essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma necessária diversidade e heterogeneidade; por uma concepção de identidade segundo a qual se vive com e mediante, e não conquanto, a diferença; por hibridiz. Identidades da diáspora são aquelas que estão constantemente se produzindo e reproduzindo por meio de transformação e diferença" (Hall, Stuart. "Cultural identity and diaspora". In: Rutherford, Jonathan (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence & Wishart, 1990, p. 235).

delas, e que não necessariamente são superiores àqueles associados ao Estado nacional.

Um exemplo de construção politicamente correta desse tipo de discurso teórico aplicado ao caso judaico é o conceito de diáspora construído pelos irmãos Boyarin⁵. Trata-se de uma diáspora destilada e pasteurizada, um ideal de diáspora, independente da experiência concreta das várias comunidades judias realmente existentes. Jonathan Boyarin, por exemplo, afirma que sua perspectiva

(5) Boyarin, Daniel e Boyarin, Jonathan. "Diaspora: generation and the ground of Jewish identity". *Critical Inquiry*, nº 19, 1993.

é aquela de alguém que escolheu permanecer em Nova York, o maior centro judeu no mundo fora de Israel — um lugar onde os judeus desfrutam de grande liberdade cultural e constituem um corpo político bem-organizado [...]. Na Argentina, por exemplo, não seria tão fácil afirmar uma identificação primordialmente judia e ao mesmo tempo fazer por menos uma identidade argentina. Se a existência de Israel toma mais fácil ou mais difícil ser judeu num país como a Argentina, não posso atestá-lo⁶.

(6) Boyarin, Jonathan. *Storm from paradise — the politics of Jewish memory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992, p. 128.

Em síntese, seu conceito de diáspora tem como parâmetro a comunidade dos que compartilham uma visão do "politicamente correto" nos Estados Unidos e não as comunidades da diáspora, cada qual com seus dramas específicos. A diáspora "politicamente correta" não descreve a experiência concreta das diásporas, o que exigiria uma visão comparativa que levasse em consideração a diversidade de experiências de cada diáspora e, dentro delas, de cada uma das comunidades diaspóricas nacionais. Seu objetivo, assim como o de boa parte dos conceitos associados à visão multiculturalista pós-moderna, conforme indicou Richard Rorty, é construir um ideal normativo à margem das realidades efetivas de poder e dominação.

Em suma, qual é o desafio? Trata-se de reconhecer que se as categorias do senso comum, as formas de auto-representação de cada sociedade e cultura, são o ponto de partida da análise sociológica, não podem se constituir nas próprias categorias de análise; ao contrário, devem ser explicadas, obviamente levando-se em conta a experiência e os mundos simbólicos em que foram elaboradas. As categorias de auto-representação da história judia pelo judaísmo — tais como anti-semitismo, diáspora, assimilação — foram pré-moldadas em um passado situado em outras épocas e lugares, na linguagem própria dos mitos culturais identitários. Na medida em que se constituem na própria categoria de análise social, terminam produzindo estudos que funcionam como mecanismos de confirmação da própria cultura. Assim, estes participam diretamente do sistema de auto-reprodução comunitária, subtraindo-se ao papel de ampliar a capacidade reflexiva, o horizonte crítico, a capacidade de identificar o novo e o comum com outros grupos sociais — em suma, subtraindo-se ao papel, que lhes é próprio, de ampliar o campo de percepção, a sensibilidade e o autoconhecimento.



É realista o programa que estou propondo? A razão sociológica assinalaria que não. As transformações internas do judaísmo e de seus principais movimentos sociais e ideológicos descortinam um horizonte bastante sombrio para as diásporas periféricas.

Em primeiro lugar, o judaísmo secular, que nutriu os principais movimentos sociais de renovação intelectual e política do judaísmo no século XX, encontra-se em franco retrocesso em meio a um movimento mais amplo de crise das grandes ideologias políticas da modernidade. A ação coletiva passou a buscar seus fundamentos na religião ou no discurso sobre os direitos humanos, ambos imprimindo uma visão moralista do mundo social em lugar das antigas ideologias políticas enraizadas na história concreta e na luta pelo poder em cada sociedade.

Em segundo lugar, as transformações demográficas do judaísmo se concentraram brutalmente em Israel e nos Estados Unidos, onde se radica a grande maioria do povo judeu. Mais grave que isso, nenhuma dessas duas comunidades apresenta continuidade com a auto-representação do povo judeu como povo diaspórico. Israel, pela razão óbvia de ser produto de um projeto que buscava justamente o desaparecimento da diáspora; e os Estados Unidos, porque comunidade judaica absorveu ali a imagem da excepcionalidade histórica desse país como derradeiro ponto de chegada, como uma "terra prometida", o que a distinguiria e apartaria da experiência histórica de outras diásporas. A comunidade judia norte-americana passou a ser um caso extremamente bem-sucedido da ideologia do "*melting pot*", absorvendo as características do conjunto daquela sociedade: orientada para dentro e, sendo parte da potência hegemônica do nosso tempo, convicta de que suas próprias categorias sociais e morais são naturalmente adequadas para o resto do judaísmo e do mundo.



Se as circunstâncias históricas são aparentemente pouco propícias, creio que existem razões para algum otimismo. As comunidades menores da diáspora buscarão mais cedo ou mais tarde desenvolver maior independência, tanto como expressão da sua criatividade e do seu esforço por maior autonomia como, paradoxalmente, por influência do exemplo de força que a diversidade e o caráter diaspórico do judaísmo estão mostrando no lugar menos esperado: o Estado de Israel. Hoje presenciamos ali o retorno do reprimido, a força das diferenças no interior do judaísmo, dos séculos de acumulação e enriquecimento culturais forjados na interação com outros povos, reprimida pelo esforço homogeneizador que, embora necessário à construção do Estado de Israel, significou o silenciamento da diversidade da

experiência judia na diáspora. Em Israel, hoje, os judeus do mundo árabe buscam reconstruir sua cultura, os judeus russos mantêm suas ligações com a "Mãe Rússia", os *falashim* (etíopes que professam o judaísmo) lutam contra os preconceitos antinegros e há até mesmo os latino-americanos que "ainda sonham em espanhol" — "*od chomlin besfaradit*", na letra em hebraico da música de um cantor de tangos israelense.

Num mundo em que os processos os mais locais são pensados globalmente, os estudos judaicos latino-americanos paradoxalmente enfatizam o regional em lugar do comparativo e do transnacional — "paradoxalmente" porque, se o povo judeu teve um papel obviamente relevante em sua prática social, teve-o na criação de estruturas institucionais transnacionais, no desenvolvimento de uma capacidade de ser local e internacional, de conviver com múltiplas identidades. O desafio que devemos enfrentar é o de inserir os estudos judaicos latino-americanos numa perspectiva mundial, como parte do complexo processo de transformação do povo judeu nestes tempos globais, uma vez que mudou radicalmente a realidade histórica desse povo que ao longo de dois milênios não teve base territorial. Pensar o judaísmo latino-americano nessa perspectiva nos permitirá entender o duplo drama da reprodução da cultura latino-americana e das diásporas judias no interior de estruturas culturais e institucionais que muitas vezes subjugam a autonomia e a criatividade.

Recebido para publicação em
26 de julho de 2002.

Bernardo Sorj é professor de
Sociologia da UFRJ. Publicou
nesta revista "Reforma agrária
em tempos de democracia e
globalização" (nº 50).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 64, novembro 2002
pp. 46-52
